

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO:

Nesse ensaio, as memórias negras se revelam a partir das performances artísticas da cantora baiana Sued Nunes, ao levar em consideração que a poesia recitada e performatizada na própria voz parecem abrir caminhos através do corpo agora lido como recordações deixadas ou trazidas de suas ancestralidades em diáspora. Esse sentido de re-memorar alinha-se aos toques identificáveis de uma Bahia que tem um tanto de uma África em ritual e de um Recôncavo Baiano cantado em festas, rezado em procissões, profanado e ao mesmo tempo referenciado em vestes simbolizadas pelo branco, azul e vermelho. São os signos encontrados na Lavagem do Bonfim, Festa de Santa Bárbara e Festa de Iemanjá. É nesse sentido que desarquivo um tempo que cabe nessa profusão de entidades visíveis, onde a menina ainda carrega as marcas de um mulherio negro que faz de seu canto um chamado às lutas, mas com um tanto de dengo e de firmeza ao soltar o timbre. É desse lugar que o colo de vó e de mãe se tornam lugares de aconchego e de guarda de memórias ao mesmo tempo em que servem de caminhos para acolher a música como lembrança fincada na terra que ficou.

PALAVRAS-CHAVE:

Sued Nunes. Memória, Imagem e Som; Recôncavo Baiano; Corpo tela e corpo espiralar.

ABSTRACT

In this essay, Black memories emerge through the artistic performances of the Bahian singer Sued Nunes, considering that the poetry recited and performed in her own voice seems to open pathways through the body—now read as recollections left behind or carried forth from her diasporic ancestries. This act of re-memoring aligns itself with the recognizable rhythms of a Bahia that holds something of an Africa in ritual, and of a Recôncavo Baiano sung in festivities, prayed in processions, profaned and at the same time revered in garments symbolized by white, blue, and red. These are the signs found in the Lavagem do Bonfim, the Feast of Santa Bárbara, and the Feast of Iemanjá. In this sense, I unarchive a time contained within this profusion of visible entities, where the girl still carries the marks of Black womanhood that transforms her singing into a call to struggle—yet with a certain tenderness and firmness in releasing her voice. It is from this place that grandmother's and mother's embrace become spaces of comfort and safekeeping of memories, while also serving as pathways to welcome music as a remembrance deeply rooted in the land that remained.

KEYWORDS:

Sued Nunes; Memory, Image and Sound; Recôncavo Baiano; Body as canvas and spiraling body.

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Introdução

É de um tanto de poesia e da performance feminina negra da artista Sued Nunes, quando grafa a sua marca na inspiração que sobra do que escapa, sem ter limite entre a proximidade do Recôncavo Baiano nas relações de sangue e de afeto que afetam a sua arte, visivelmente, dos pés à cabeça, sentida, quase tocada, do coração à voz.

Do corpo negro, da voz rouca, sobra o rasgo do tempo que parece vir de trás, mas, ao mesmo tempo ecoa lá na frente, num movimento que parece não ter fim. É desse deslocar infinito, de trejeitos misturados com o som das palmas, que também revisita os “becos da memória” Evaristo (2013), como também lugares de uma mesma Bahia.

É quando passado e futuro, vertem-se no instante da canção de Sued e nos remete a refletir sobre uma possível epistemologia do tempo, da mulher negra que canta o devir, de tantas nós por vir, o sopro, ao que Martins (2021), vai afirmar,

Em última instância, proponho como possibilidade epistemológica a ideia de que o tempo, em determinadas culturas, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade, conhecimentos esses emoldurados por uma certa cosmopercepção e filosofia. Almejo investigar que concepção ou concepções do tempo informavam e constituíam as culturas e sociedades africanas de onde provinham os africanos trazidos para as Américas e de que modos e por quais meios essas concepções se transcriam e se infiltraram como signos da formação cultural em todas as Américas. (MARTINS, p.13)

A autora nos possibilita ampliar a discussão, no sentido de conceber que a musicalidade trazida nas canções que grafam a performance da cantora sapeaçense, são transcrições dos signos para além do místico da própria religiosidade, mas, também da grafia textual de uma África de cor, de som, de gestos, de vozes tantas que se inscreve na textualidade do território do Recôncavo Baiano.

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Da “Travessia”¹, quando Nunes entoava, “tem quem dê a benção”, uma infiltração de elementos guardados das nossas ‘memórias de becos’, um dia, vivenciadas por tantas de nós, alcança o meu tempo de menina, dando a benção para os (as) mais velhos(as), espiando da ponta dos pés pela sobra da janela, a reza de Santo Antônio na casa de Dona Filó, no Subúrbio de Paripe.

Lembranças das brincadeiras que não eram de meninas nem de meninos, eram diversões misturadas. A “picula”, nos matos do quintal da vó e os gritos incessantes da mãe a me procurar, ao mesmo tempo em que o capim já deixava suas marcas nas coceiras, no pequeno e franzino corpo negro nunca almejado ser cantado.

Dessas recordações formam-se a cultura que nos acompanha de mãos dadas com o resto da poesia, “tem quem bata a cabeça/tem quem descalce pra se plantar” (NUNES, 2021). As palmas entoadas da “Povoada”² parecem sons que partem de um lugar bem próximo, som a som, que se despencam possivelmente das mãos em conchas da própria Sued Nunes.

São os toques identificáveis de uma Bahia que tem um tanto de África em ritual, que sobrevive e se mantém em cada parte do Território do Recôncavo Baiano, cantado nas festas, nos rezados, nas procissões.

Há nesses ritos de memórias e de tradição, as relações de comunicação entre sujeitos(as) a partir do visível, do índice, que “é o que se mostra, se exprime ou age segundo o modo da presença real: ele não representa a coisa ou o fenômeno, ele os manifesta ao vivo ou exclusivamente.” (BOUGNOUX, 1999, p.59). Sued Nunes é o próprio signo.

São assim os passos deixados como marcas desenhadas na areia pelas ancestralidades, quando ressurgem no caminhar do povo africano em diáspora, quando se profanam e ao

¹ Título do primeiro álbum de Sued Nunes, gravado em 2021 pela Gravadora Mugunzá Records, conta com 13 faixas autorais. Disponível em <https://open.spotify.com/track/3Lddsw10Of1uvo3qVrWpu7>

² Faixa do álbum Travessia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sued-nunes/povoada/>

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

mesmo tempo se referenciam nas vestes alegorizadas no branco, no azul e no vermelho. Nesse instante, se sobressaem como símbolos grafados anualmente na multidão de gente de uma cor só como símbolo na Lavagem do Bonfim, na Festa de Santa Bárbara e de Iemanjá.

Cabe nessa profusão de entidades visíveis a menina ainda carregando as marcas de um mulherio negro que faz de seu canto um chamado às lutas, mas com dengo, com cuidado ao soltar o timbre que marca uma linha tênue intocável, e firmemente sentida. É desse lugar que o colo de vó e de mãe se tornam lugares de aconchego e caminhos para acolher as influências musicais, mas que guardam memórias de um corpo negro feminino negro que finca a terra.

Sued como corpo em performance no tempo espiralar

Martins (2021), em seu livro *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela* vai enunciar,

No corpo o tempo bailarina. E em seus movimentos funda o ser no tempo, inscrevendo-o como temporalidade. Dos gestos primevos é que respira a voz, o hálito originário que circunscreve em torno de si e em si mesmo o sagrado. Antes de uma cronologia, o tempo é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas instâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. (MARTINS, 2021, p.12)

As palavras da autora assentam o texto embalado pela voz de Sued quando narra os versos de *Povoada* afirmando em um diálogo entre o sagrado habitado quando se lança ao universo, indagando-o: “quem falou que ando só?”

Vê-se que a melodia, junto às palmas, entra em harmonia com o tempo cronometrado pelo próprio *time* que é quase o abismo que cabe na poesia, momento em que o corpo da cantora performatiza a poética recitada sobre o agora lastro da canção. E a voz da ancestral ecoa por sobre o corpo abrigado na samarra vermelha, ao mesmo tempo, manto, donde pendem os cabelos ornados em guirlandas de rosas vermelhas que também se movimentam no tempo dividido entre o verso e a própria “instância do corpo”.

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Seria a composição entre os movimentos de voz, corpo em movimento, encenada pelo texto “bendito” na voz da avó, a povoar lugares de passado, o tempo espiralar de Sued?

No cenário do clip, onde várias Sueds multiplicam-se no instante em que sustenta com as mãos e o olhar, o corpo pouco dançado o refrão: “*tenho em mim mais de muitos*”.

Leda Maria Martins ilustra com palavras,

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que tem como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, p.14)

A descontinuidade trazida por Martins (2021) em seu tempo espiralar, que se desloca em um tempo em movimento se apresenta na renúncia da continuidade dos discursos defendida por Foucault (1987).

Nos rasgos agora “ditos” por Sued Nunes, se evidenciam um corpo feminino negro, enunciando com as suas canções e performances outros novos discursos não menos potentes e nem tampouco finito.

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado de mostrar que outras formas de enunciação excluem. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 1987, p.31)

As palavras do autor, nos remetem a compreender o sentido dos discursos produzidos por determinados sujeitos(as) quando se anunciam como narrativas textuais e imagéticas. “Nas

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem” (MARTIN, 1987, p.14).

A tessitura trazida na performance de Sued produz numa mesma instância sentidos de identidade e de pertença, mas, ao mesmo tempo simboliza e dá significado de existência.

A comunicação na imagem da “Travessia” do Recôncavo Baiano em Sued Nunes

“Tem uma coisa que é muito forte que são os movimentos, as coisas que acontecem em rodas. E aí eu te digo roda de samba, roda de rua, enfim. É palco de caruru, de sete meninos, aqui é palco de muita coisa, muita celebração em roda e isso faz com que a musicalidade seja muito trazida.” (Sued Nunes, 2022)³

A menina que nasceu em Sapeaçu, Bahia, Cidade do Recôncavo Baiano, localizada a 162 km de Salvador, transformou-se em um dos novos fenômenos da nova geração da música boa, preta, baiana e brasileira e vem se destacando por cantar não apenas em verso e em prosa, mas, em corpo, gestualidade e poesia entoada pelo senso de pertencimento com o grito da identidade latente com o seu Território.

Em suas palavras transformadas em epígrafe há uma dose desse sentido de pertença que a sua música reverbera. Em seu disco “Travessia”, lançado em 2021, Sued carrega em suas canções tal mala de viagem uma bagagem de afeto.

Nela, abrigam-se os conselhos de vó, histórias de mãe que parecem nossas, conversadas na cozinha da vó, perto do fogão. Primos e primas amontoadas nos cantos a ouvir o que são sobras de conversas de gente grande. Travessia nos conta,

³ Trecho da Reportagem “Sued Nunes: Não são todos os espaços que estão para a música preta”. Brasil de Fato, Recife, Pernambuco. Por Helena Dias. Em 25 de março de 2022, às 13:52. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/03/25/sued-nunes-nao-sao-todos-os-espacos-que-estao-para-a-musica-preta>

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

(...) Aí, quando foi depois
Kátia fez assim ó, o nome Sued
E ninguém aqui em Sapé tem esse nome
Pode bo-, bote, bote, você quer, eu boto
Aí ela botou ó, S-U-E-D
Aí, eu olhei assim, ela disse
Não tá descobrindo que nome é esse não?
Eu disse não, ela fez
Ó Maria, lê de-de-de trás pra frente, pra tu ver
Eu disse: Deus!
Eu disse: Pois é esse que vai ser
(Sued Nunes, Travessia)⁴

Parte desse repertório de memórias de mulheres negras a serem transmitidas a quem tiver com ouvidos abertos e olhos atentos. Narrativas de vida, cantadas na voz feminina do Recôncavo que sabe que o chão de terra foi regado pelo suor, pela luta e pela resistência do seu povo preto.

A imagem que Travessia nos deixa é a das ‘memórias de becos’, quando lembranças cantadas nos diz: “eu vim de lá/me tiraram de casa/mas tô aqui/e eu vou cantar pra retornar”. Lembra-nos das histórias de Evaristo (2013)

Benção pai, benção mãe, tenho de ir. Vocês sempre hão de ter notícias minhas. Vou em paz, sei que não estão sozinhos. Enquanto estive por aqui, plantei e colhi para nós e para os outros. Ensinei a leitura para os pequenos e vivemos todos a vida de irmãos. (EVARISTO, 2013, p.80)

⁴ Disponível em: <https://www.musixmatch.com/it/testo/Sued-Nunes-1/Travessia>

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Enquanto a autora movimentava o tempo da sua escrita com seus velhos e velhas nominadas, narrando lembranças também guardadas, parece que do lado de cá do Território do Recôncavo, Sued lhe responde: “E eu vou cantar pra retornar”!

No tempo espiralar, impossível concluir..

A discussão trazida entre as imagens que se fundem como performance e signos, parte das abordagens durante as discussões no Curso de Comunicação, na Universidade Federal do Recôncavo, quando cursei o componente Comunicação, Mídia e Imagem, ministrado pelo Prof^o Dr. Jorge Cardoso com a participação do tirocinista Prof^o Cássio.

Incluir a música ou quiçá, a performance da cantora Sued Nunes alinhada à sua voz que é sustentada no corpo feminino negro, ao mesmo tempo em que sublinha os diversos símbolos que grafam o texto. Tornam-se os elementos sonoros e visuais que se comunicam com tantos e tantas sujeitas num mesmo tempo espiralar.

Foi possível ler sem necessitar de interpretar a poética sonora e performática da mulher negra de Sapeaçu, Bahia, o tanto de imagem do território negro, afro-diaspórico que o Recôncavo tem e que a artista traduz nas entrelinhas de seus versos, atravessados pela corporeidade que demarca o mesmo tempo, quando as palmas tornam-se batidas que arrastam os tambores, que chamam o samba, que vão ser acompanhadas por vozes e multidões de tantas e tantas de nós.

Na textualidade da imagem do disco Travessia, cada verso com ou sem rima, nos remete ao passado de um tempo já ido, ao mesmo tempo nos traz de volta ao lugar de onde viemos e que nos tornam o que somos e o que podemos vir a fazer nesse mundo plural, habitado por corpos negros em travessias. Nos barcos de ontem e hoje nas vans. Entre Cachoeira, São Félix, Cruz das Almas, Muritiba e Sapeaçu

O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano

JOANA FLORES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O deslocar, o movimento, é sim de navegação de corpos, no ritmo remado do barco à vela quando conduzido por meu avô. Encontro-me com os símbolos que Sued Nunes grafa que tem um tanto de Joana Flores e de tantas das nossas que volta e meia povoa o tempo novo chamando os(as) que ficam para lembrar que voltaremos porque não estamos sós.

Referências

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às Ciências da Comunicação*. Tradução. Maria Leonor Loureiro. 1ª edição. Bauru, São Paulo, EDUSC, 1999.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2ª. Edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

FOUCAUT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves - 3ª edição – Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do corpo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2021.